

A interligação entre Comunicação e Informação

The interconnection between Communication and Information

por [Henriette Ferreira Gomes](#)

Resumo: Aborda a interseção entre Comunicação e Informação, influências teóricas, proximidades e limites entre os estudos, apontando as interpretações de Miège, Coelho Netto, Sfez e Debray relativas a este assunto.

Palavras-chave: Comunicação. Informação. Mediação. .

Abstract: It approaches the intersect between Communication and Information, the theoretical influences, proximities and limits among the studies, pointing the interpretations of Miège, Coelho Netto, Sfez e Debray concerning this subject matter.

Keywords: Communication. Information. Mediation.

Introdução

Com o objetivo de abordar teoricamente as relações entre comunicação e informação buscou-se neste texto percorrer a trajetória da reflexão científica neste campo a partir do percurso traçado por Bernard Miège, José Teixeira Coelho Netto, Lucien Sfez e Régis Debray.

A razão que conduziu essa busca dentro de uma perspectiva mais ampla está ligada às próprias reflexões teóricas que ainda são realizadas de maneira parcial, por meio de diferentes disciplinas que tratam de focalizar certas dimensões específicas dessa relação, o que conduziu à formação de diversas correntes teóricas que abordam a comunicação e a informação. As áreas da Informação e da Comunicação têm como objetivo abordar com regularidade as diversas dimensões e paradigmas que engendram o mundo da informação e da comunicação; entretanto, outros campos do conhecimento vêm dando contribuições relevantes ao estudo desta problemática, embora sem assumir de forma direta a informação e o processo de comunicação enquanto objetos centrais de estudo. Entre esses, pode-se destacar a Linguística, as Ciências Cognitivas, a Informática, a Sociologia política, entre outros.

Nos anos sessenta, a partir de uma perspectiva antropológica de redefinição do conceito de cultura, que levou à consideração da importância das variações dos atos de comunicação, a troca de informações e a utilização da linguagem tornaram-se pontos centrais do debate científico, tomando como base os achados das pesquisas no campo do estruturalismo desenvolvidas por Roland Barthes, por Claude Lévi-Strauss e por Roman Jakobson.

Entretanto, na contemporaneidade, as áreas da Informação e da Comunicação ocupam-se, com maior intensidade, das discussões a respeito das permanentes modificações oriundas das constantes transformações no campo das tecnologias, mantendo uma forte aproximação com o campo da Informática, embora este seja um campo do conhecimento mais centrado nos aspectos relativos à operacionalização dos sistemas e das redes de comunicação, onde os objetos informação e processo de comunicação não ocupam um lugar de centralidade.

Também na busca da compreensão acerca das transformações decorrentes dos avanços tecnológicos nas áreas da Informação e da Comunicação, temas pertinentes ao campo da Filosofia foram recolocados no cenário das discussões científicas, como as grandes interrogações acerca do significado de verdade, realidade, coesão social e imaginário, além de alguns conceitos discutidos a

partir das contribuições da Semiologia e da Pragmática. Nesse contexto as duas áreas de estudo têm buscado definir seus escopos de atuação.

Interseções, limites e objetos de estudo

Os campos da Informação e da Comunicação, ao invés de estabelecerem teorias fechadas e se fixarem nos estudos a respeito da operacionalização instrumental, da qual se ocupa a Informática, têm transitado entre os conhecimentos construídos por diversos outros campos, que normalmente se ignoram entre si. Estudos de fenômenos como os efeitos dos meios de comunicação de massa, que na década de 1940 movimentavam os estudiosos, especialmente nos Estados Unidos, já promoviam as interseções com estudos do campo da Sociologia política.

Embora, conforme Miège (2000), os temas da informação e da comunicação constem em registros elaborados desde a Grécia Antiga, pode-se afirmar que esses campos se firmam apenas no século XX, apresentando a tendência de interligar problemas oriundos de campos teóricos distintos e se estruturando a partir de três correntes que o autor concebe como fundantes; a cibernética, os estudos sobre os meios de comunicação de massa e os estudos ligados às aplicações linguísticas.

Nas décadas de 1940, 1950 e 1960 surgem os estudos sobre as comunicações de massa e sobre os possíveis modelos de atos de comunicação, considerando o esquema da teoria de informação, estudado especialmente por Norbert Wiener, Claude Shannon e Warren Weaver, nos quais são particularmente focalizadas as relações entre emissor-canal-receptor e os fenômenos de feedback, sob a inspiração do modelo cibernético. (Miège, 2000; Matterlart, 2002). Esses estudos formaram a corrente estruturalista, que busca decompor as partes constitutivas do problema, que acabaram, paradoxalmente, por adotar uma atitude analítica dialética quando focalizaram a oposição entre sinal de comunicação e ruído, ordem e desordem, formas e mensagens.

Talvez seja esta a perspectiva de Coelho Netto (2001, p. 133) ao destacar que, no enfoque da teoria da informação, elementos normalmente compreendidos como em permanente oposição, são tratados como extremos que acabam se tocando, como se pode verificar no algoritmo construído por essa corrente teórica no qual “... *total previsibilidade (nenhuma originalidade) = nenhuma informação; imprevisibilidade total (originalidade máxima) = nenhuma informação.*” Assim, torna-se possível concluir que, tanto Miège quanto Coelho Netto convergem no reconhecimento de que, não obstante a teoria da informação tome por base o modelo estruturalista, ela acaba por tratar os conceitos como “*ordem*” e “*desordem*” de forma mais flexibilizada, sem transformá-los em conceitos fechados, absolutos e contrapostos.

Essa abordagem acaba por atuar na tensão e identificação da coesão entre “ordem” e “desordem” nas ações de comunicação, acentuando que o valor da informação comunicada está exatamente na sua possibilidade de desencadear processos de modificações significativas nos repertórios simbólicos, nos acervos dos conhecimentos estabelecidos. Embora Shannon e Weaver tenham sofrido críticas severas por terem negligenciado a interação relevante entre os agentes da comunicação, enquadrados na sua teoria numa representação reducionista enquanto emissores e receptores, assim como por não terem relevado a construção dos sentidos a partir da interação que se estabelece no ato da comunicação, deve-se reconhecer que suas pesquisas estavam circunscritas ao tratamento das questões concernentes às telecomunicações, dentro da perspectiva da teoria geral dos sistemas no campo da cibernética. Como afirma Ferreira (2002, p. 7) “*A teoria informacional é essencialmente uma teoria da transmissão, segundo o esquema proposto por Shannon.*”

Por outro lado, Wiener (2003ca., p. 17) afirmou que “*Informação é termo que designa o conteúdo*

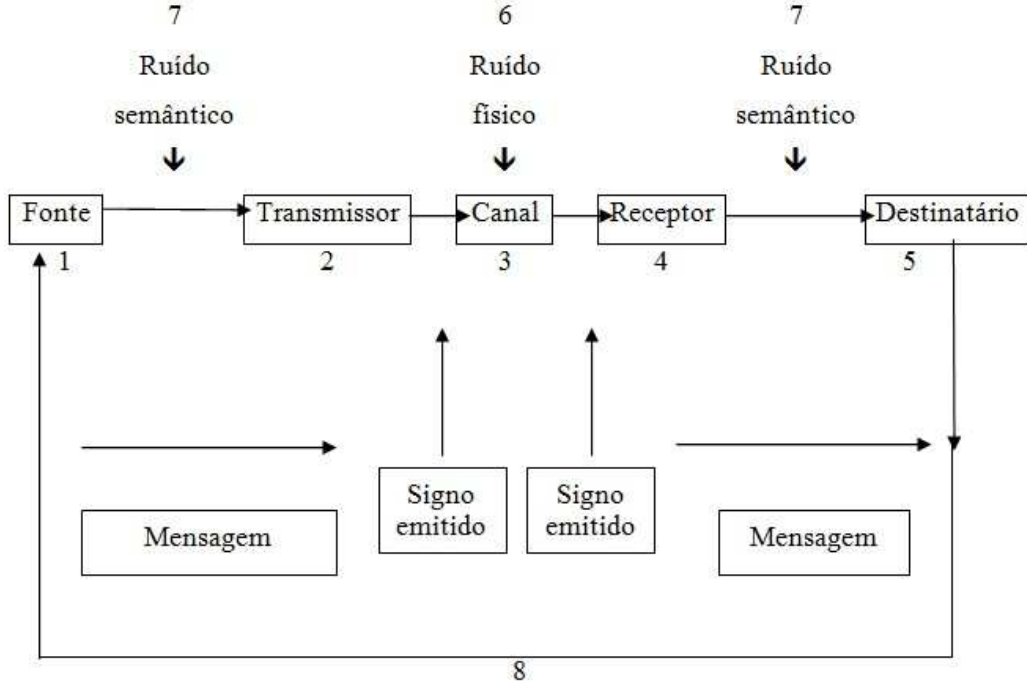
daquilo que permutamos com o mundo exterior ao ajustar-nos a ele, e que faz com que nosso ajustamento seja nele percebido. O processo de receber e utilizar informação é o processo de nosso ajuste às contingências do meio ambiente e de nosso efetivo viver nesse meio ambiente.” Também quando se analisa a própria explicação dada por Wiener sobre adoção da palavra cibernética, cunhada por ele em 1948, para representar este novo campo de estudos, é possível identificar os pressupostos que nortearam a escolha e, ao mesmo tempo, desencadearam um rol de abordagens que passaram a pontuar o lugar da interação e da complexidade nas práticas comunicativas.

Wiener (2003ca., p. 15) justificou que cibernética derivou “... da palavra grega *kubernetes*, ou ‘piloto’, a mesma palavra grega de que eventualmente derivamos nossa palavra ‘governador’.” Desde então, cibernética passou a ser compreendida como um campo de estudo ligado ao tratamento dado à informação no curso do processo de comunicação. Para Miêge o modelo cibernético acaba sendo confundido com a abordagem sistêmica, quando voltado a responder questões da ordem das escolhas dos modos de comunicação, tanto em sistemas fechados quanto em sistemas abertos. Sua proposta de buscar situações de equilíbrio dentro de processos dinâmicos de “*equilibração*” e “*desequilibração*” permitiu a sua apropriação por outros campos dos conhecimentos, como os da Biologia e da Ecologia, sendo que foi pela “*mão*” da Biologia que a discussão sobre os processos dinâmicos penetrou o universo dos estudos sobre as relações sociais e os processos de “*desequilibração*” considerados relevantes à criatividade.

Assim, paradoxalmente, o algoritmo “*mais originalidade = menos previsibilidade = mais informação / mais previsibilidade = menos originalidade = menos informação*” terminou por trazer uma nova concepção que passa à valorização do espaço da criação, da inovação, do *instituinte*, não se restringindo à comunicação e à preservação do *instituído*, do estabelecido, acabando por acentuar uma perspectiva dialética para a análise dos problemas ligados à informação e à comunicação. Pela via de bases teóricas de cunho estruturalista, desvelou-se a possibilidade de compreensão da natureza complexa inerente às experiências ligadas à comunicação e informação, o que apontou para uma perspectiva mais flexível, capaz de tratar a necessária coesão entre “ordem” e “desordem”.

Entretanto, o modelo cibernético foi submetido a questionamentos que apontaram seus limites, especialmente a partir dos estudos da psicologia cognitiva e da sociologia das mediações entre outros, embora este modelo tenha se mantido no cenário científico pela via do processo de informatização da sociedade. Conforme Coelho Netto (2001) o modelo teórico de Shannon e Weaver, representado na Figura 1 acabou por se constituir num equívoco, talvez resultante da tentativa de materializar uma abstração sobre esta dinâmica tão complexa a partir da geometrização da teoria num esquema básico, o que acabou por denunciar o caráter funcionalista dessa teoria.

Figura 1 – Representação do modelo original de comunicação de Shannon e Weaver



Fonte: Coelho Netto, 2001, p. 198.

A partir da leitura dessa representação gráfica elaborada por Shannon e Weaver, Coelho Netto (2001, p. 198) aponta oito aspectos que conduzem a uma leitura mais condensada do conteúdo, e que caracteriza o modelo construído pela teoria da informação, no qual figura a existência de um emissor (fonte) na comunicação que, por meio de um canal, transmite uma mensagem a um receptor.

A figura busca representar a existência de uma fonte de informações geradora de mensagens, que serão codificadas por um emissor que, utilizando um suporte físico, um meio, um veículo, transmite, transfere os signos em direção a um receptor que realizará a decodificação dos signos utilizados no processo de codificação, a fim de reconstituir a mensagem que será acessada pelo destinatário. Esse processo indica a possibilidade da interferência de ruídos provocados a partir de uma fonte material, como também gerados pelas possíveis distorções do significado da mensagem no momento de sua geração, que corresponderiam às questões semânticas que ocorrem em todo processo de comunicação, quando da passagem da codificação à decodificação. Nesta linha então, a teoria da informação acaba por acentuar o papel da fonte que, além de representar o elemento central da comunicação, quando determina o conteúdo da mensagem, também assume o papel de controlar os efeitos que a mensagem produziu no destinatário, através do processo de feedback.

A interpretação da teoria da informação a partir dessa representação geométrica acabou por produzir distorções quanto à compreensão do complexo processo de comunicação, reduzindo a sua interpretação à mera leitura de um esquema que cumpre apenas a função de materializar um movimento, tendo como objetivo proporcionar uma visibilidade que apoie a reflexão em torno da problemática que envolve as questões da comunicação e da informação.

Torna-se interessante observar que a seta representativa do feedback (8), não indica apenas a possibilidade de controle que a fonte pode ter sobre o efeito da mensagem, mas pode também

significar a possibilidade de retroalimentação; isto é, de alimentar, de alimentar algo que moveu nossa percepção, o que significa, num processo de comunicação, interpelar, interferir e fazer comunicação a partir do movimento de retorno em direção à origem da mensagem. Esse movimento representa a ação da interpretação e/ou reconstrução da mensagem original pelo elemento que a recebeu e que se denominou, no primeiro momento, de receptor.

Além disso, conforme defende Sfez (c1990), também do ponto de vista do emissor, a informação está situada entre o que poderia ser comunicado e o que é efetivamente expressado. Portanto, é o resultado da seleção que se faz entre as possibilidades de conteúdos a serem comunicados e a liberdade de escolha de cada palavra a ser dita, o que intervém na própria mensagem. A informação pode, frente à complexidade que surge no processo de significação, representar para o que Sfez chamou de “*organismo auto-referente*”, a reorganização dos significados já incorporados mentalmente.

Sem dúvidas, quando a mensagem é transmitida e ocorre um retorno do receptor, a mensagem foi reconstruída e pode, nesse retorno, oferecer à “*fonte inicial*” uma percepção de que a outra “*ponta*” do processo também representa uma “*fonte*” e que, nesse exato momento da ação, inversamente ela (a “*fonte*” iniciadora do processo) torna-se a receptora da *ressignificação* que sofreu a mensagem “*original*”. Neste caso então, o *feedback* poderia também ser compreendido como um movimento de interferência, de “*desequilíbrio*” do ponto de partida do processo de comunicação.

Entretanto, ao adotar o gráfico representativo do modelo produzido pela teoria da informação, concebida dentro da abordagem cibernética da informação e comunicação, como objeto de análise ou como modelo, os estudiosos dos processos sociais de comunicação acabaram por não *ressignificá-la*, deixando, assim, de expandir sua compreensão para além das bases que a conceberam inicialmente, cujo compromisso voltava-se mais especificamente à resolução dos problemas oriundos do estabelecimento das redes de telecomunicações. Coelho Netto (2001, p. 201) defende a tese de que esse modelo poderia ser ajustado ao projeto humano de comunicação, transformando ou invertendo o posicionamento das setas, que figurariam a partir do receptor em direção à fonte:

“Fonte <----- Receptor ou Receptor -----> Fonte”

O autor segue argumentando que nessa concepção o receptor poderia ser concebido enquanto alguém manipulável pela fonte “... mas é ele que tem o controle do processo, tornando-se sujeito do processo, sujeito ativo e não simples elemento passivo.” (Coelho Netto, 2001, p. 201). O próprio ruído equivale a qualquer tipo de perturbação que pode distorcer a passagem do sinal e estar ligado também ao universo cultural do receptor. Mas o processo de comunicação é bastante complexo, carecendo de leituras que se aproximem mais do seu caráter humanizador, como tentam as interpretações mais contemporâneas que nos proporcionam alguns pensadores como Simondon, Debray e Bounouh.

Simondon (1989) alerta que a oposição estabelecida entre homem e máquina, entre cultura e técnica corresponde a uma falsa oposição. O objeto técnico individualizado corresponde diretamente à dimensão humana. Há entre o homem e o objeto técnico individualizado, como, por exemplo, o computador, uma relação dialética e não de domínio. O objeto técnico corresponde a uma categoria mais vasta do que aquela ligada ao seu funcionamento operatório e de caráter utilitário. Nessa dimensão, emissor e receptor interagem intensamente e em simbiose com os canais e suportes, que passam a ser vistos como elementos centrais no processo.

Debray (1993, 1999, 2000a) e Bounnoux (1994, 1999) também compreendem que o mediador, o próprio meio, o suporte de informação ou o canal de comunicação ocupam um lugar a ser considerado nos estudos sobre comunicação e informação, oferecendo-nos então a contribuição dos estudos que denominam “*midialogia*”, no sentido de apresentar mais um aspecto desse universo complexo da experiência da comunicação e da informação.

Segundo Debray (1993, p. 15), a *midialogia* procura se ocupar do conjunto composto pelos meios simbólicos de transmissão e circulação, expandindo seu escopo que:

procede e supera a esfera dos meios de comunicação de massa contemporâneos, impressos e eletrônicos, entendidos como meios de difusão maciça (imprensa, rádio, televisão, cinema, publicidade, etc.). ... um sistema de educação, um café-bar, um púlpito de igreja, uma sala de biblioteca, um tinteiro, uma máquina de escrever, um circuito integrado, um cabaré, um parlamento não são feitos para ‘difundir informações’. Não são ‘mídia’, mas entram no campo da midialogia enquanto espaços e alternativas de difusão, vetores de sensibilidades e matrizes de sociabilidades. Sem um ou outro desses ‘canais’, esta ou aquela ‘ideologia’ não chegaria a ter a existência social de que podemos dar testemunho.”

Os canais ganham importância porque interferem na própria produção da mensagem, no seu registro e recepção, o que os coloca em uma posição ativa no processo comunicacional. A informação representa um produto do processo de comunicação que, segundo Simondon (1989), não é algo absoluto, um advento único, mas a significação que resulta da produção de formas extrínsecas e também intrínsecas ao produto ou assunto. Também destacando a interferência de aspectos extrínsecos no processo de comunicação [Sfez](#) defende que:

O próprio canal pode interferir sobre a mensagem: ecos e impurezas misturam-se na mensagem, e isso designar-se-á como ‘ruídos’. A mensagem: para poder circular no canal, a mensagem em língua natural deve ser tratada. A codificação intervém aqui como um sistema de divisão das unidades. Será binário. A operação de codificação, situada à entrada do canal, corresponde uma segunda operação de decodificação e de transcrição, situada à saída do canal. (c1990, p. 47)."

Assim, ao se realizar uma análise do modelo construído a partir da teoria da informação, à luz das reflexões desses autores e das contribuições da *midialogia*, verifica-se que o processo de comunicação pode ser visto numa perspectiva humanizante quando, para além de um enfoque *antropocentrista*, for compreendido como um processo que se interliga ao processo de transmissão da informação.

Enquanto um projeto humano que conduziu o desenvolvimento da técnica, no sentido de assegurar a construção de recursos tecnológicos, instrumentos e ambientes informacionais que funcionam como prolongamentos, extensões do próprio homem, a transmissão da informação teve como objetivo garantir, de alguma forma, que os conhecimentos ultrapassassem a barreira do espaço e do tempo, para além da própria existência humana. Na *midialogia*, *mídio* significa primeiramente o conjunto dos meios simbólicos de transmissão e circulação de informações, determinado tanto técnica quanto socialmente, envolvendo não apenas os meios de comunicação impressos ou eletrônicos, mas também os espaços e alternativas de difusão das informações como os sistemas educativos, as bibliotecas, os museus, os arquivos e demais espaços de informação e de sociabilidades. A *midialogia* é uma

disciplina que tem por objeto as funções sociais superiores e suas relações com as estruturas técnicas de transmissão, desenvolvendo estudos sistemáticos dos mecanismos de transmissão, da relação entre cultura e técnica, distinguindo a transmissão da informação no tempo e no espaço. (Debray, 1993, 1995, 1999). Nesse sentido é que Debray (2000a, p. 14) afirma que:

Nossos lembretes não se reduzem ao que é dito e escrito. A aventura das ideias é caleidoscópica. Não existe linhagem espiritual que não tenha sido invenção ou reciclagem de marcas e gestos; não existe movimento de ideias que não implique movimentos de homens [...]; não existe subjetividade nova sem objetos novos (livros ou rolos, hinos e emblemas, insígnias e monumentos). Os lugares federadores de uma fé ou doutrina – memória em pedra talhada – estão aí para ligar a terra ao céu, coordenando a vertical das referências à horizontal do reagrupamento."

O autor inicia assim suas argumentações quanto às diferenças entre comunicação e transmissão. Enquanto a comunicação busca a “*religação*” entre contemporâneos, a transmissão está voltada ao que “... *ordena o efetivo ao virtual.*” Isso implica em conceber que a transmissão representa um processo por meio do qual o homem busca manter ligação com as ideias daqueles com os quais não pode ter um contato direto, imediato, ou com aqueles que não mais existem, bem como assegurar que, após o próprio desaparecimento desses sujeitos, os conhecimentos que foram capazes de acumular, suas experiências construídas, permanecerão presentes entre os que sobreviverem ao seu período de existência.

Assim então, a transmissão se distinguiria da comunicação pela tentativa que motiva o seu exercício, que é alcançar o prolongamento da comunicação, de ultrapassar a simultaneidade desta última. A *midialogia* opta pelo conceito de transmissão, e não pelo de comunicação, por entender que quando temos uma comunicação midiaticizada, que ocorre pelo revezamento de mensagens que são transmitidas à distância em suportes diferenciados, não temos uma situação de comunicação individual e direta. Por existir um meio de transporte do conteúdo comunicado, a *midialogia* prefere adotar o conceito de transmissão. Conforme Debray (2000a, p. 15, observações do autor):

Se a comunicação é essencialmente um transporte no espaço, a transmissão é essencialmente um transporte no tempo. A primeira é pontual ou sincronizante ... religa, sobretudo, contemporâneos ... A segunda é diacrônica e caminhante ... estabelece ligação entre vivos e os mortos, quase sempre, na ausência física dos ‘emissores’. ... A comunicação se distingue pelo fato de resumir, enquanto a transmissão se distingue pela prolongação (correndo o risco, com esse mesmo objetivo, de condensar suas formas de expressão: divisa, logotipo, apólogo, parábola, etc.)."

Torna-se relevante ponderar as reflexões que esses estudiosos da “*midialogia*” vêm construindo, porque possibilitam uma compreensão de uma relação intrincada e que muitas vezes faz com que não se desvele a complexidade que envolve as ações de comunicação e as ações que, ao mesmo tempo, as apóiam e também têm por desafio a preservação do conteúdo informacional que é objeto desse processo de comunicação. Evidentemente não seria correto estabelecer uma ruptura que conduzisse a uma visão dicotômica dos campos da Comunicação e da Informação; entretanto, torna-se interessante buscar uma compreensão das especificidades de ambos, sem, contudo, condená-los a uma interpretação reducionista que negasse suas interações vitais para a construção do social e para a criação e recriação do universo simbólico, já que isso corresponderia à “*edificação*” de um obstáculo que acabaria por turvar a visão da sociedade quanto às possibilidades de renovação e conservação do

patrimônio cultural.

Se a comunicação pode ser considerada vital para o estabelecimento da sociedade porque é nessa ação humana que se torna possível o processo de interação através do qual são construídas as identidades, tanto na esfera individual quanto na esfera coletiva de construção das culturas locais e até mesmo universais, ela está mais fortemente ligada ao movimento, ao que flui nas relações temporais imediatas. E, certamente isso, em hipótese alguma, a desqualifica, já que somente em movimento torna-se possível a percepção do mundo, a *ressignificação* das ideias, a quebra de paradigmas e a possibilidade de operar nas lacunas dos conhecimentos já produzidos.

Cardinale Baptista (1999) adota o conceito de comunicação como um processo complexo decorrente da interação de subjetividades, que se dá por meio de fluxos de informações que são concretos, abstratos e compartilhados, como também são produtores de transformação dos elementos neles envolvidos. A comunicação é um processo por meio do qual dois ou mais atores, que têm um objetivo como orientação, transmitem informação. Comunicar representa o compartilhamento de informações no contexto de troca social que, em muitas situações, pode conduzir a uma negociação, de modo que essas informações sejam contextualizadas. Nesse processo há sempre uma intencionalidade e um caráter consciente das condutas permutadas. Para Beaudichon (2001), se os atores da comunicação não tiverem a intenção de comunicar, mesmo que produzam sinais informativos, não estarão comunicando informação alguma. Conforme Sfez (c1990, p. 117):

“A comunicação é normativa e faz comunicar – pôr em comum – o que não deve continuar no domínio privado.” Mas admitir a dimensão mais intensa de movimento que a ação de comunicação tem não implica em negar à transmissão a co-participação nesse processo quando esta última tenta prolongar a “vida” da ação comunicativa para além das barreiras do “tempo”, que talvez se pudesse denominar de “tempo histórico”.

O esforço da transmissão corresponderia ao esforço humano de fazer sobreviver a experiência construída pela via da comunicação e ambas as ações, de comunicação e de transmissão, só se concretizam com o apoio do aparato tecnológico que, ao longo de sua história, o homem construiu “*embalado*” pelo sonho do bem viver, mesmo que se possa questionar, do ponto de vista da Sociologia, o significado desse sonho. A transmissão tenta, da forma mais eficiente possível, entrar em cena para ajudar a fazer história, com o objetivo claro de gerar patrimônio e formar raízes para evitar o desaparecimento dos conhecimentos e da cultura. Enquanto na comunicação o instantâneo é valorizado, para a transmissão o tempo permite fazer perdurar a informação.

Transmitimos para que o que vivemos, cremos e pensamos não venha a morrer conosco (de preferência comigo). Para que isso seja possível, é-nos permitido, segundo as épocas, recorrer aos meios da poesia oral, com seus ritmos e refrãos propícios à memorização, do desenho ou do escrito, do impresso, da fita de som ou da Internet - de tudo isso junto ou separadamente -, ao sabor das audiências visadas ou do desenvolvimento técnico - mas o conteúdo da mensagem guia-se pelas necessidades de sua difusão, assim como o órgão pela sua função. (Debray, 2000b, p. 15-16, observação do autor).

Enquanto a comunicação é um ato interindividual, o ato de transmitir se dá pela utilização de métodos grupais, que demandam ações coletivas, por meio das quais se busca assegurar que o corpus de conhecimentos, valores ou experiências que consolida a identidade dos grupos sociais ultrapasse a barreira do tempo. (Debray, 2000b, 2001). Nessa perspectiva, as tecnologias da comunicação e da informação passaram por intensas renovações e foram se diversificando e penetrando o tecido social a

ponto de também constituí-lo, já que sem elas a intensidade e a velocidade de nossas ações comunicativas seriam outras, bem como nossas redes sociais reduzidas ao espaço geográfico e histórico que ocupamos durante nossas existências.

No contexto das ações comunicativas o foco central de aplicação desse aparato tecnológico é o de suporte às interfaces necessárias à interação imediata e ao estabelecimento de redes sociais, enquanto nas ações de transmissão esse aparato obedece a um projeto que tem por objetivo a retomada do resultado da experiência da comunicação por outros e diferentes agentes em períodos de larga escala na história. Um exemplo emblemático da utilização do aparato tecnológico voltado ao princípio da transmissão pode ser observado na colocação, em naves espaciais, de dispositivos nos quais foram depositados registros sobre os principais fatos da história do planeta Terra, da cultura humana, com suas línguas, músicas, descobertas etc., na esperança de que algum dia, em algum ponto do incomensurável universo, alguma outra espécie de vida possa vir a conhecer o patrimônio cultural da sociedade humana, como também as condições ambientais de sua existência animal.

Para a *midialogia*, a mensagem não é independente do seu meio de transmissão. O instrumental da sociedade determina um espaço-tempo prático que pode ser mensurado por suas capacidades de memorização e de deslocamento. A transmissão é um fato porque sem ela não haveria a humanidade, porque seria impossível a existência da humanidade sem memória. Portanto, a *midialogia* busca atuar na articulação entre os sistemas de comunicação e os meios de deslocamentos no espaço e no tempo, se interessando pelos efeitos da estruturação cultural de uma inovação técnica que atue nessa esfera. (Debray, 1999, 2000a, 2000b, 2001).

Se, conforme Castells (2000), a identidade corresponde ao processo no qual, os atores sociais se reconhecem e constroem significado, com base em atributos culturais, excluindo referências ligadas a outras estruturas sociais, pode-se dizer que a transmissão é o que pode assegurar as bases para a construção e preservação da identidade cultural dos grupos sociais, sem a qual estaria impossibilitado o processo de construção dos sentidos.

Na perspectiva de Debray, a transmissão se distingue da comunicação pelo compromisso que tem com a prolongação da existência da informação produzida nos processo de comunicação. Mas o autor chama a atenção para o fato de que, em ambos os processos, se enfrenta a problemática do “ruído”. Se nos atos de comunicação o fluxo, a velocidade, a emoção, entre outros fatores, podem implicar, de maneira mais intensa a percepção, no processo de transmissão as formas de expressão selecionadas podem conduzir ao reducionismo, à condensação e ao mesmo tempo à ilusão do conhecimento perene, poderoso, inquestionável. Assim, poder-se-ia inferir que ambos os processos estão interligados, são complementares e coadjuvantes do projeto humano de construção, manutenção e reconstrução da cultura.

A transmissão está estreitamente ligada aos ambientes informacionais por consistir na transformação dos conteúdos para seu registro, e porque tais conteúdos registrados só podem ser conhecidos, avaliados e comparados por meio desses ambientes, nos quais as informações estão organizadas e armazenadas para o acesso. Esta visão que os estudiosos da “*midialogia*” traçam sobre a problemática da comunicação e da informação Debray faz uma afirmação que se nos apresentou enquanto uma “*flecha*” sinalizadora da possível incorporação dos estudos da “*midialogia*” aos estudos sobre a informação e o papel dos ambientes informacionais, quando questiona:

Qual sopro poético não pretende sobreviver à sua inspiração? Qual centelha de sentido não pretende tocar fogo na planície? Ora, para conseguir uma travessia do tempo, para perenizar, devo (eu, emissor qualquer), simultaneamente, materializar e coletivizar. [...] Algo memorável: via coisas mortas transformadas em monumentos porque a

matéria conserva os vestígios; memorandos, via uma corrente coletiva de recreação porque somente os seres vivos podem reanimar o sentido que está adormecido nos vestígios. (2000a, p. 23, esclarecimentos do autor)."

Há duas etapas extremas do fluxo de informações, a da criação e a da assimilação. Em um primeiro momento a informação é carregada de intencionalidade, é direcionada a um determinado destino, arbitrariamente construída para concretizar o intencionado. Conforme Barreto (2001) esse direcionamento gera tensão na interação de competências distintas existentes entre o emissor e o receptor da informação.

Quando vivo minha vida pensante, que é local onde projeto a criação da informação, antes de codificá-la, isto acontece na minha mais recôndita privacidade. Esta é a solidão fundamental de todos aqueles que criam uma informação. Pois é através da informação produzida, com a ajuda de um sistema de signos, que o homem procura relatar sua experiência vivenciada para outras pessoas; disseminar a outros a experiência que foi experimentada só por ele; pois aconteceu no âmago da sua condição subjetiva de privacidade e que, por força de sua vontade, vai deslocar-se para a esfera pública de uma significação, que se deseja, seja coletiva."

No deslocamento para a esfera pública tem-se a transmissão da informação que produzirá os vestígios demarcadores da história humana que, para [Debray](#), é constituída pela história das relações entre os homens e a história dos homens com as coisas. Esse autor complementa que *"Arte, religião, mitologia, política pertencem à primeira esfera; ciência e técnica, à segunda. ... Progresso linear e infinito, com rupturas irreversíveis entre presente e passado, só existe no segundo domínio ..."* (1993, p. 41).

Esta posição da "midialogia" frente à problemática da comunicação e da informação parece estar em conexão com a visão de que a interligação entre os sujeitos que buscam informação e os espaços informacionais, possibilita tanto a transmissão da herança cultural quanto a intensificação do processo de comunicação e da *dialogia* instauradora de espaços de interação mobilizadores de possibilidades fecundantes de transformações e de *ressignificações* das informações. Ao se desenvolver o que antes era potencial se estará favorecendo a *ressignificação*, a inovação e as recriações dos saberes estabelecidos que permanecem em "equilíbrio" no "acervo simbólico individual", como também daqueles instituídos no social, enquanto saberes consolidados e que integram coleções, acervos, estoques, enfim os ambientes que permitem o acesso a informação.

Conclusão

A interdependência entre a comunicação, enquanto processo cultural e de sociabilidades, e a informação como produto resultante e, simultaneamente, estimulador desse processo, sinaliza que, embora as áreas do conhecimento que se ocupam dessas temáticas detenham especificidades e focos diferenciados, há uma interligação marcante entre ambas.

Os objetos de estudos dos campos da Comunicação e da Informação motivam a busca do desenvolvimento teórico, assim como a constante revisão de referenciais teóricos e empíricos, por focalizarem de modo central as sociabilidades e recursos que permitem o compartilhamento e a produção de sentidos, a representação, o armazenamento, a disseminação e a circulação das informações, como também as tecnologias, modelos, padrões, estratégias e infraestruturas que sustentam e apoiam esses processos. Tais objetos guardam interfaces vitais que impelem reflexões em zonas teóricas de interseção desafiadora aos pesquisadores desses campos, já que vindicam, na mesma ordem de grandeza, ousadia e cautela nas escolhas teóricas e em suas interpretações.

A prudência impõe a exigência de leituras acuradas das bases teóricas dos dois campos, de modo a se identificar os limites, ou melhor, as fronteiras inerentes às especificidades, entretanto, a excessiva cautela pode ofuscar a visualização das zonas de interligação por meio das quais se torna possível experimentar o trânsito e a confluência de pontos de reflexão que apontam para a interdependência entre os objetos de estudo e, consequentemente, para a indispensável *dialogia* entre as explicações e formulações científicas desses dois campos.

Do mesmo modo, os marcos sociais, políticos e tecnológicos que impulsionam revisões das bases científicas e dos objetos de estudo tanto da Comunicação quanto da Ciência da Informação podem favorecer ou exigir a ampliação do espaço de debate com outras áreas do conhecimento afetas ou que tenham emergido, a exemplo da Informática, em decorrência desses novos marcos históricos.

Bibliografia

BARRETO, Aldo de Albuquerque. [A informação em seus momentos de passagem.](#)

DataGramaZero: revista de Ciência da Informação, [Rio de Janeiro], v. 2, n. 4, ago. 2001.

Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago01/Art_01.htm>. Acesso em: 27 ago. 2001.

BEAUDICHON, Janine. A comunicação: processos, formas e aplicações. Tradução de Maria Delfina C. de Aguiar. Porto: Porto, 2001. 144 p. Título original: La communication: processus, formes et applications.

BOUGNOUX, Daniel. Introdução às ciências da informação e da comunicação. Petrópolis: Vozes, 1994. 336 p.

_____. Introdução às ciências da comunicação. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 1999. 218 p.

CARDINALE BAPTISTA, Maria Luiza. Psicocomunicación y trama de subjetividades: interfaces teóricas em la constitución de una investigación transdisciplinar. Revista Latina de Comunicación Social, [S. l.], n. 16, abr. 1999. Disponível em: <<http://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999iab/109luiza.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2004.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 4. ed. Tradução de Roneide Venâncio Majer e Klauss B. Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1). Título original: The rise of the network society.

COELHO NETTO, João Teixeira. Semiótica, informação e comunicação: diagrama da teoria do signo. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. 217 p., il.

DEBRAY, Régis. Curso de midiologia geral. Tradução de Guilherme João de F. Teixeira.

Petrópolis: Vozes, 1993. 419 p. Título original: Cours de médiologie générale.

_____. História de quatro “M”. In: MARTINS, Francisco M.; SILVA, Juremir M. da (Orgs.). Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura. 2. ed. Porto Alegre: Sulinas, 2000b. p. 137-159.

_____. Malaise dans la transmission. Communiquer\Transmettre: Le Cahiers de médiologie, [S. l.], n. 11, p. 17-30, premier semestre 2001.

_____. Manifestos midiológicos. Tradução de Guilherme J. de F. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995. 220 p.

_____. Qu’est-ce que la médiologie? Le Monde diplomatique, août 1999, p. 32.

_____. Transmitir: o segredo e a força das idéias. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000a. 179 p. Título original: Transmettre.

FERREIRA, Giovandro Marcus. Paradigmas do campo comunicacional relacionados com a antropologia. Contracampo, Niterói, n. 7, jul. 2002. Disponível em:
<<http://revcom.portcom.intercom.org.br>>. Acesso em: 22 jun. 2004.

MATTELART, Armand. História da sociedade da informação. Tradução de Nicolas Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2002. 197 p. Título original: Histoire de la société de l’information.

MIÈGE, Bernard. O pensamento comunicacional. Tradução de Guilherme J. de F. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000. 141 p. Título original: La pensée communicationnelle.

SFEZ, Lucien. Crítica da comunicação. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, c1990. 377 p. Título original: Critique de la communication. (Epistemologia e Sociedade).

SIMONDON, Gilbert. Du monde d’existence des objets techniques. [Paris]: Aubier, 1989. 336 p.

WIENER, Norbert. Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, [2003ca.]. 190 p.

Sobre o autor / About the Author:

Henriette Ferreira Gomes

henriettefgomes@gmail.com

Professora Adjunta do Instituto de Ciência da Informação da UFBA. Coordenadora do Programa de Pós Graduação, PPGCI/UFBA.